

## A Calunga no Google: a simbologia sagrada e o profano ao *click* do mouse

Patrícia Araújo dos Reis<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar o processo de relação construída entre o tradicionalismo centenário do maracatu-nação e a Internet (mídias sociais) e como os elementos identitários culturais centenários (a calunga) e simbólicos podem dialogar com os conteúdos midiáticos utilizados pelos produtores culturais desta manifestação cultural conhecida como Maracatu de Baque Virado. Através da metodologia observação-participante e da análise de conteúdo do *blog* do próprio maracatu, o estudo se encontra em andamento e o qual contribui para a possível compreensão sobre os diálogos construídos entre a cultura popular aqui representada pelo maracatu (agente cultural) e a era digital da cibercultura e da *folkmídia*. O quadro teórico e metodológico de referência se fundamenta na semiótica peirceana de Lúcia Santaella (2003) e no escritor Pierre Lévy (2000).

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura popular, semiótica, cibercultura, religiosidade, hibridismo.

### Do Hibridismo<sup>2</sup> de Símbolos e de culturas surge o maracatu-Nação

Os Maracatus-nação, de tradição afro-brasileira, a exemplo da maioria das manifestações populares do Brasil, é uma mistura das culturas indígena, africana e europeia. Surgiu em meados do século XVII. O maracatu representa um cortejo africano com elementos europeus em seus vestuários e adereços. Eles estão ligados à religiosidade afro-brasileira (candomblé e jurema) e reverenciam os deuses africanos (Orixás) em suas apresentações, mestres e caboclos. Suas sedes são em terreiros de candomblé ou Ilê. Estudos revelam que a manifestação teve início na época da colonização e da escravatura com o ritual da coroação dos Reis do Congo (século XVII). Hoje, as sedes dos maracatus estão localizadas na periferia da cidade de Recife, nos bairros populares, onde se concentra

---

<sup>1</sup> Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

<sup>2</sup> O hibridismo é um fenômeno resultante da hibridização. Teixeira Coelho autor do Dicionário crítico de política cultural explica que o termo hibridização refere-se ao modo pelo qual modos culturais ou partes desses modos se separam de seus contextos de origem, configurando, no processo, novas práticas. Uma consequência da hibridização é a desterritorialização, fenômeno pelo qual modos culturais desvinculam-se de seus espaços e tempos originais e são transplantados para outros espaços e tempos nos quais mantêm aproximadamente os mesmos traços iniciais. O fenômeno da hibridização é por vezes designado como de sincretismo ou mestiçagem. P. 125.

a população negra da cidade. Os maracatus são conhecidos, também, como de baque virado devido à rítmica dobrada (que vira) dos tambores que conduzem o cortejo.

O presente estudo analisa se a relação entre o tradicionalismo centenário do maracatu-nação e a Internet pode interferir nos elementos identitários ou simbólicos desta manifestação profana e ao mesmo tempo religiosa, contribuindo para o processo criativo e de difusão cultural, bem como de sua cadeia produtiva. A contextualização histórica de seu surgimento e organização de seu corpo social podem definir os maracatus-nação como agentes transformadores de sua realidade e do meio socioeconômico, onde os mesmos estão inseridos. A observação-participante da autora sugere esta possível interferência por parte do objeto de estudo (A Nação do Maracatu Porto Rico) no processo social vivido por sua comunidade de origem, que se encontra no bairro do Pina. O interesse pelo Maracatu Nação ou de Baque Virado (mais particularmente a Nação do Maracatu Porto Rico) se complementa pela experiência vivida como integrante deste Maracatu, do qual a pesquisadora fez parte durante cinco anos, onde se envolveu das atividades internas e externas, observando o grupo e tomando parte dele.

O ponto de partida será tentar desmistificar parte deste universo, por vezes repleto de mistérios, levando em consideração o território religioso e o profano, respeitando os valores éticos que circundam o objeto de estudo. No início, serão relatados o processo histórico do maracatu-nação e sua formação social como agente cultural em sua comunidade. Em seguida, iremos tratar dos elementos simbólicos do Maracatu que compõem seu processo criativo na cadeia produtiva cultural, bem como a função social dos signos que o circundam. Sediado no bairro do Pina<sup>3</sup>, zona sul da cidade do Recife, a Nação do Maracatu Porto Rico, liderada pela presidente e Yalorixá (mãe de santo ou sacerdotisa do Candomblé) Elda Viana representa para as práticas culturais que interferem na dinâmica social dos moradores daquela localidade, uma referência de grande importância social e religiosa, haja visto que os praticantes do “candomblé de Elda” (como é conhecido o terreiro da Yalorixá) também são membros ativos em seu maracatu.

A pesquisa sobre um corpo social que se agrupa em torno de uma manifestação cultural popular quer seja religiosa e profana, possui inúmeras vertentes de observação e se encontra em constante construção. Torna-se importante salientar que a autora teve dificuldades em construir uma trajetória histórica da Nação Porto Rico, por se tratar de fatos construídos a partir de relatos pessoais, por vezes, imprecisos entre seus membros. O

---

<sup>3</sup> O bairro do Pina integra a 6ª Região Político-Administrativa do Recife (RPA-6), na Zona Sul da cidade, que é formada por um total de 8 bairros. O atual bairro do Pina surgiu numa ilha onde havia um sítio de propriedade do capitão André Gomes Pina. Daí, o nome do bairro.

ângulo da abordagem da pesquisa é sociocultural, visto que se trata de uma pesquisa na área de Comunicação Social. A proposta deste artigo sugere a reflexão sobre a ocupação dos elementos identitários de uma tradição centenária e religiosa no meio digital, onde podem promover o possível encontro de culturas populares considerados tradicionais com as atuais culturas das mídias. É possível a democratização da tecnologia das comunicações e o consumo globalizado entre diferentes culturas? Eis a pergunta que acompanhará este estudo, ora em desenvolvimento. Isto porque o processo midiático que se promoveu em torno dos maracatus, acompanhou a evolução dos meios comunicacionais, partindo da imprensa escrita (através de notícias em jornais locais) até a era digital (blogs, sites e comunidades virtuais). O maracatu-nação como agente/produtor cultural se utiliza em seu universo de novos recursos comunicacionais promovidos pelas mídias, buscando legitimar a sua existência como corpo social.

A observação-participante e a análise documental caracterizam as ferramentas do estudo, o que possibilitou a coleta de dados através de conversas informais com as lideranças e participantes da Nação do Maracatu Porto Rico, objeto da pesquisa. A análise de conteúdo do blog <http://nacaoportorico.art.br/blog/> do maracatu em estudo, também, serviu de subsídio para a reflexão sobre o tema. O quadro teórico e metodológico de referência se fundamenta na semiótica peirceana, através das pontuações da pesquisadora e semioticista, Lúcia Santaella. A Semiótica, considerada a ciência dos signos, apresenta-se como metodologia e referencial adequado a presente pesquisa, uma vez que partimos do pressuposto que é através dos signos e, de modo especial, os signos com os quais o maracatu se comunica com a sociedade, informando-a sobre a sua existência e agindo como agente cultural e transformador em seu meio social. “Sob o ponto de vista dos signos e seus significados, as culturas costumam ser chamadas de sistemas de símbolos. Para entendê-los, nada mais apropriado do que a Semiótica” (SANTAELLA, 2003, p.46).

O escritor Pierre Lévy (2000), autor do livro *Cibercultura*, compõe o diálogo científico que envolve cultura, mídia, signos e sociedade. Ou seja, o conjunto simbólico do maracatu-nação, no ambiente virtual é observado e discutido, também, a partir do referencial teórico proporcionado por esse autor. Percebe-se que durante o período que permaneci na agremiação, as informações eram transmitidas de maneira informal, ou seja, os diálogos acontecem livremente entre os participantes do maracatu, porém “nem tudo” pode ser comentado ou exposto, obedecendo à ética interna do grupo. Isto significa que existem limites de informações até mesmo para aqueles que convivem mais de perto com a realidade do maracatu-nação. No entanto, as calungas ou bonecas que são consideradas

elementos simbólicos detentores de mística e veneradas por todos da Nação, podem ser vistas agora “sem segredo” no *blog* do maracatu ou nas páginas do *Facebook*. Sendo assim, de que forma estas informações sigilosas são transmitidas para o meio digital da internet e de que maneira elas podem adquirir uma nova linguagem para a real expressão de seus símbolos? Partimos da hipótese de que os “filhos de santo” da casa em sua maioria jovens que possuem celulares com acesso à internet, ao mesmo tempo em que participam do processo religioso da Nação do Maracatu Porto Rico. Estes integrantes são conhecedores de boa parte das práticas religiosas pré-estabelecidas pelas lideranças do terreiro e interagem, por sua vez, com as inovações tecnológicas da contemporaneidade. Eles contribuem com os “novatos” para que os mesmos entendam a dinâmica das relações que ocorrem na sede do maracatu e no terreiro, possibilitando a troca de informações e a interação entre os membros do grupo. O termo hibridismo, utilizado neste trabalho, significa que os maracatus são resultado do acúmulo de conhecimentos das culturas (europeia, africana e indígena). Tornaram-se herdeiros de valores e costumes que ao longo dos séculos têm se modificado. Desta forma, há uma dinâmica cultural permanente destas manifestações populares devido às constantes interferências socioculturais e econômicas que envolvem a realidade histórica desta expressão tradicional afrodescendente.

A semioticista Lúcia Santaella (2003), fala da existência da mobilidade entre os elementos culturais acumulativos. Na nossa compreensão, essa mobilidade também pode ser flagrada nos maracatus-nação, como herdeiros de tradições culturais que compartilham entre seus componentes, ao longo de sua trajetória histórica, o universo simbólico dos maracatus:

As tradições culturais se acumulam sem quebras de continuidade. Elementos culturais, uma vez inventados, passam de um indivíduo para outro através do aprendizado. Eles são compartilhados de uma geração a outra. Qualquer ruptura na corrente do aprendizado levaria ao seu desaparecimento. O *continuum* cultural se estende do começo da existência humana até o presente. (SANTAELLA, 2003 p. 46)

O maracatu-nação é uma síntese das tradições culturais transformadas e que dialogam com o espaço geográfico e social do qual faz parte, apropriando-se de novos elementos ou reforçando os antigos, quando percebe a necessidade de reformular os modos de expressar seus símbolos em torno de valores adversos ao seu meio de origem. Os negros quando passaram a utilizar elementos da Igreja Católica em seus cultos de origem, conseguiram criar formas de pensar e de resistir ao sistema de submissão da época da

escravidão. As Irmandades Negras de Nossa Senhora do Rosário representaram um recurso dos senhores de escravos para dominá-los e submetê-los, mas também serviram para a criação de mecanismos de defesa dos negros, além de promover breves soluções aos problemas que os angustiam na condição de escravos, entre eles, as compras de cartas de alforrias, enterros e festejos dedicados aos deuses africanos. Houve aqui esforço coletivo no que se refere a uma negociação cultural.

As trocas simbólicas que existiram entre as Irmandades Católicas e o povo negro permitiram que os signos e símbolos advindos da África se perpetuassem nos costumes da cultura negra em solo brasileiro. A prova está nas práticas atuais que podem ser encontradas nos maracatus-nação. Os elementos culturais percebidos em inúmeras expressões da cultura afro-brasileira, resultaram de um constante aprimoramento de condições sociais e políticas para continuarem existindo. Discordando de Canclini, quando este autor acredita que “os objetos perdem a relação de fidelidade com os territórios originários” (CANCLINI, 1996, pág. 17), os artefatos africanos produzidos em terras brasileiras são portadores de valores materiais e espirituais, baseados que são na transmissão oral, que existe até hoje entre as Nações africanas aqui estabelecidas, guardando, em parte, a sua fidelidade a sua origem.

Com a globalização cultural e com ela as trocas culturais resultaram no hibridismo de culturas diferentes. As grandes navegações promovidas pelos países europeus a partir século XIV permitiram “a internacionalização das culturas nacionais, onde era possível não se estar satisfeito com o que se possuía e procurá-lo em outro lugar” (CANCLINI, 1996, pág.17). Ou seja, a insatisfação dos colonizadores promoveu “a abertura das fronteiras geográficas de cada sociedade para incorporar bens materiais e simbólicos das outras” (CANCLINI, 1996, pág.17). As miscigenações raciais ocorridas entre os séculos XIV a XIX, no Brasil, entre índios, europeus e africanos resultou na troca cultural contínua e constante existente na formação cultural brasileira. E como resultado disto, o maracatu-nação tem se tornado herdeiro de um legado histórico que lhe é próprio, visto que o mesmo se adapta às mudanças culturais, manifestando sua forma totêmica (dos antepassados) e que ao mesmo tempo se apropria de outras culturas (europeia e indígena) em sua representatividade simbólica.

### Reis do Congo<sup>4</sup>: a possível origem

A coroação dos reis do Congo promovida pelas Irmandades Negras Católicas se torna a referência histórica mais citada entre os folcloristas, podendo ser o início das primeiras práticas culturais dos primeiros maracatus. Em seu livro, “O Folclore no carnaval de Recife”, Katarina Real (1990) já se refere aos cortejos dos séculos passados, aos remotos cortejos africanos que aconteciam no Congo e os compara com os maracatus que ela encontrou nos carnavais do Recife. Real ficou a frente da Comissão Pernambucana de Folclore contribuindo com suas pesquisas como antropóloga e notável articulista na cena cultural pernambucana nas décadas de 60 e 70. A autora considera que os maracatus possam ser herdeiros dos antigos reinados africanos: “(...) temos ainda em Pernambuco sobreviventes das antigas ‘nações africanas’, cuja manifestação carnavalesca é o ‘cortejo régio’, com reis e rainhas, denominado hoje de Maracatu”. (REAL, 1990, p.59). De fato, estas manifestações tradicionais e populares simulavam o sincretismo religioso dos africanos e de seus descendentes. Por fim, as Irmandades Negras do Rosário continuaram a existir, mesmo com a Abolição da Escravatura em 1888, porém com outra função social e não mais servindo aos interesses econômicos e políticos dos senhores de engenho.

A integração cultural dos negros através das Irmandades católicas e a coroação dos Reis e Rainhas simbolizaram a resistência da identidade negra através destas representações coletivas. Passando pela Monarquia, os cortejos régios alcançam à República, já denominados de maracatus, e sofrem com o Estado Novo. Com a queda da Monarquia e o enfraquecimento da Igreja, pela chegada da República, as Irmandades perdem grande parte do financiamento que as sustentavam. Surgem dos cortejos régios e religiosos, os maracatus profanos com suas alegorias, danças, fantasias e seus negros já alforriados e não tão submissos aos cultos religiosos dos brancos, ou seja, com criação das agremiações carnavalescas, as antigas nações africanas não estavam mais subordinadas às irmandades católicas e suas lideranças foram sendo substituídas por líderes religiosos dos cultos negros, os pais e mães de santo dos Xangôs de Recife.

---

<sup>4</sup> O Congo (por vezes chamado Congo-Brazzaville para o distinguir da vizinha República Democrática do Congo) é um país africano limitado a norte pelos Camarões e pela República Centro-Africana, a leste e a sul pela República Democrática do Congo, a sul por Cabinda e a oeste pelo Oceano Atlântico e Pelo Rio Congo e Gabão.

Os Reis do Congo se transformam em reis do carnaval brasileiro.



Fig. 1. A aquarela *Coroação de um Rei Negro nos festejos de Reis*, de Carlos Julião (1740-1811), ilustra a capa de *As festas no Brasil colonial*.

A Nação do Maracatu Porto Rico, ao longo de sua trajetória, viveu três momentos históricos considerados importantes. Ocupou três localidades: uma rural (Palmeirinha) e duas urbanas: (o bairro de Água Fria<sup>5</sup> e recentemente o bairro do Pina, ambos na cidade do Recife). Possuiu quatro lideranças significativas: João Francisco do Itá, Zé da Ferida, Eudes Chagas e Elda Viana (ainda à frente do maracatu). A tentativa de relato sobre a história da Nação do Maracatu Porto Rico se torna uma volta aos antepassados da agremiação, que por sua vez, foi transferida de seu espaço antropológico de origem por diversas vezes, com possíveis perdas de dados que, de uma certa forma, se não comprometem, deixam lacunas em algumas das O processo comunicacional dos maracatus-nação é baseado na transmissão oral, a forma como “os antigos” africanos passavam seus conhecimentos ao coletivo.

O maracatu-nação bem como outras manifestações culturais afro-brasileiras ou indígenas pode legitimar a sua existência através do relato, das histórias e lendas que são criados no imaginário coletivo. O Ato de “perpetuar um relato é transmitir um inventário ordenado das qualidades e ações possíveis em um espaço” (LÉVY, 1994, p.160), podendo ser este espaço geográfico, antropológico ou até mesmo midiático. Da mesma forma, isto se

---

<sup>5</sup> Água Fria é um bairro da zona norte da cidade do Recife, integra a 2ª Região Político-Administrativa da cidade, fazendo limite com os bairros do Alto Santa Terezinha, Arruda, Beberibe, Bomba do Hemetério, Campina do Barreto, Fundão, Linha do Tiro e Porto da Madeira. O bairro nasceu de uma das localidades mais antigas do Recife, Beberibe, remontando à metade do século XVI. O nome do bairro, tem origem em várias versões, uma delas considerada fantasiosa diz ter existido ali, no século XIX, um menino que vendia cocadas e oferecia aos fregueses água bem fria, trazida numa quartinha. O mais provável é que o bairro tenha ficado com esse nome, Água Fria, porque assim é chamado um dos afluentes do Rio Beberibe que corta aquela região

dá até hoje em muitas comunidades que se baseiam na cultura africana e que se propõem a perpetuar esta tradição. De Palmares ao bairro do Pina, a história do Porto Rico se transforma numa “colcha de retalhos.” A calunga ou boneca do maracatu-nação e mais especificamente as calungas da Nação do Maracatu Porto Rico, são apresentadas em seu universo sociocultural de origem e, também, no ambiente do ciberespaço<sup>21</sup>. A importância da calunga para o Maracatu, objeto desta pesquisa direciona nosso olhar para a relação signo, considerado enquanto “eixo” do maracatu, com as novas formas de expressar e propagar as práticas culturais tradicionais através das novas mídias (Internet<sup>22</sup>). A universalização da calunga e de seu conteúdo simbólico através da internet nos remete à tentativa de compreender a função social das mídias e de sua relação com as culturas locais consideradas de “raiz”.

A comercialização midiática do simbólico das culturas nacionais promove a possível popularização das crenças e mitos particulares dos grupos tradicionais. Descrevo, com brevidade, o espaço das relações sociais e religiosas do universo sagrado das calungas da Nação do Maracatu Porto Rico e em seguida relaciono-o com os conceitos pós-modernos da cibercultura sob o olhar do antropólogo do ciberespaço, Pierre Lévy, havendo também pontuações da autora Lúcia Santaella. A Calunga é a representatividade do divino no maracatu-nação. Ou seja, falar sobre a boneca de pano ou de cera é falar sobre o sagrado. A boneca de cera sagrada é considerada por seus integrantes como sendo a principal “senha” de acesso ao Maracatu-nação e significa a sua própria existência e ponte com o mundo espiritual. Trata-se de um símbolo de referência do maracatu-nação e pode tanto ser do gênero feminino ou masculino, quase sempre é feita de madeira escura e tradicionalmente possui acabamento com cera de abelha. De acordo com a crença do candomblé, os negros considerados líderes religiosos se transformavam em Eguns, daí o sentido divino dado às calungas que são a possível materialização desses espíritos dos antepassados.

O próprio significado da palavra Calunga possui conotações diversas, provocando sentidos e realizando diferentes mediações entre o seu objeto e o interpretante. Esclarecendo que “o objeto é qualquer coisa que um signo pode denotar, ou seja, onde o signo pode ser aplicado”. (SANTAELLA, 1999, pg.160). As calungas servem para homenagear os antepassados religiosos ou Eguns<sup>6</sup> ligados às nações de maracatus. A Nação do Maracatu Porto Rico apresenta três bonecas ou calungas em seu cortejo e cada uma delas é carregada por uma dama-do-paço<sup>24</sup>. A Calunga Inês de Castro representa a rainha da Nação, veste

---

<sup>6</sup> A palavra Egún significa osso ou simbolicamente espírito e antepassado.

vermelho ou rosa e detêm um significado hierárquico diferenciado das outras bonecas. Representa no simbolismo religioso do candomblé o orixá feminino Iansã.

A história da calunga Inês de Castro está de fato ligada à existência de uma rainha medieval portuguesa, sendo um costume das lideranças dos maracatus-nação nomearem suas calungas com nomes de nobres da corte luso-brasileira. Foi introduzida no reinado do Rei Eudes, quando a Nação ainda era Maracatu Porto Rico do Oriente. Vale ressaltar outra representação dada à Calunga com sua origem negra, pois a Calunga Inês de Castro também simboliza em sua significação, para os mais antigos, uma antiga Ialorixá (sacerdotisa do candomblé) da época da escravidão. Confirmando aqui a ligação do grupo social atual com sua ancestralidade. Com a morte da feiticeira escrava (Inês), suas feições teriam sido copiadas por seus seguidores em um pano e depois transferidas (o modelo e molde) para as feições da boneca. Assim nos conta a rainha Dona Elda: *“Então quando a velha Inês morreu, os negros tiraram a foto: pegaram um pano, molharam em cera e colocaram no rosto da velha, nos lábios dela, nos olhos, em todo canto e depois tiraram pra fazer uma boneca de madeira. Esse foi o molde a partir do qual fizeram a boneca. E eu tenho ela, toda velha, bem velhinha. Ela é Dona Inês, era a dona da senzala. Ela morreu, os negros endoidaram, mas riscaram tudo direitinho como era feito, e fez aquela máscara, e fez a cópia, e fizeram de madeira”*.<sup>7</sup>

A veracidade deste ocorrido advém da tradição oral passada de geração em geração, confirmada através de relatos das lideranças do maracatu e baseada tão somente na fé religiosa dos negros que praticam o candomblé na tentativa de resgate de suas origens.

Ainda sobre a introdução da calunga Inês no espaço antropológico e simbólico da Nação do Maracatu Porto Rico, a rainha Elda Viana relata numa breve narrativa histórica como a boneca chegou até ela: *“Essa bonequinha tá na minha mão, que vai de mão em mão. Vai pra museu, sai, vai pra mão de quem pega, vai pro museu, e sai, vai pra mão de quem pega. Ela passou desse João Francisco de Itá pra José de França, Pedro França (**Zé da Ferida - grifo meu**). De Pedro França, passou pra seu Eudes Chagas. Agora de Pedro França, já passou pra Clube Misto, quando ele morreu, seu Eudes já pegou e juntou com Katarina Real e foram na beira do mar encontrar o nascente do sol. Aí quando nasceu o sol, ele*

---

<sup>7</sup> Depoimento do livro *Tradições negras, políticas brancas: previdência social e populações afro-brasileiras*, colhido por Gabriel Omar Alvarez e Luiz Santos, In.: Ministério da Previdência Social-MPS, Brasília, 2006, p.172.

disse: em vez de Porto Rico, o nome do Maracatu vai ser Maracatu Nação Porto Rico do Oriente.”<sup>8</sup>

A segunda calunga em importância na hierarquia é a princesa Elizabete, que possuindo vestido amarelo representa outro orixá feminino: Oxum. Também é cultuada e recebe sacrifícios. A terceira boneca Dona Bela é conhecida como bruxa de pano e simboliza o poder mágico do maracatu e está ligada ao culto da Jurema, representando a “mestra” que domina a mística da Nação, possuindo a função de “espantar” os espíritos dos mortos ou Eguns. Geralmente em suas roupas são utilizadas as cores vermelha, preta ou multicolorida. Ocorrem na rotina do terreiro de Dona Elda práticas ritualísticas ligadas à simbologia de cada boneca sagrada, ou seja, as Calungas da Nação Porto Rico obedecem a preceitos religiosos. Tudo gira em torno das consideradas guardiãs divinas da Nação Porto Rico e de outros maracatus de baque virado, sendo veneradas e respeitadas dentro e fora do espaço antropológico do maracatu-nação. Nas semanas que antecedem os dias de carnaval, acontecem ritos em torno da simbologia sagrada das bonecas. Assim destaca a importância das calungas para a Nação de Maracatu a rainha coroada, Elda Viana: *“A boneca simboliza a rainha e o rei. A boneca significa a legítima rainha, a segunda boneca... uma é rainha, a outra é a princesa, a terceira é a pomba-gira. Entendeu?”*.<sup>9</sup>

### **A simbologia sagrada e o profano ao click do mouse**

Os símbolos na cultura afrodescendentes possuem significados que condicionam comportamentos e costumes comuns e que causam na comunidade ou grupo uma unidade em torno de seus mitos e crenças. Com o maracatu-nação não poderia ser diferente, pois este surge da matriz cultural africana, desta maneira, o conteúdo simbólico da Calunga envolve o respeito à ancestralidade e a reverência às tradições antigas advindas do continente africano.

O potencial semiótico da Calunga reúne o poder da possível eternização de algo que não mais existe materialmente, podendo ser porta-voz das canções e lamentos dos mais antigos que retornaram em “espírito” para a Mãe África, segundo lideranças religiosas africanas. As bonecas são herdeiras desta tradição, ou seja, podem representar esta tentativa de perpetuação cultural e religiosa. São representações de poder e do “divino”, totalizando

---

<sup>8</sup> Depoimento do livro Tradições negras, políticas brancas: previdência social e populações afro-brasileiras, colhido por Gabriel Omar Alvarez e Luiz Santos, In.: Ministério da Previdência Social-MPS, Brasília, 2006,p.172.

<sup>9</sup> Depoimento do livro Tradições negras, políticas brancas: previdência social e populações afro-brasileiras, colhido por Gabriel Omar Alvarez e Luiz Santos, In.: Ministério da Previdência Social-MPS, Brasília, 2006,p.172.

em si o significado principal e a razão de ser das Nações de Maracatu. “(...) era preciso encontrar formas de tradução do audível em visível para que o perene pudesse se vingar da perversidade do perecível”. (Santaella, 2001, p.187).

Pode-se perceber aqui que a função social e simbólica da Calunga seria o de perpetuar o “antigo” e suas raízes culturais, livrando-o do esquecimento ou até do seu possível desaparecimento. Há aqui uma mediação entre o passado e o presente favorecida pela existência das calungas de maracatu, ou seja, a imagem simbólica das bonecas traz de volta aqueles que “já se foram” segundo as crenças africanas. A rainha da Nação do Maracatu Porto Rico, Elda Viana, refere-se à Calunga como algo que legitima a própria existência do maracatu. “*No maracatu, o mais importante é a boneca; porque o maracatu pode estar muito bom, mas se não houver boneca não é maracatu*”<sup>10</sup>, afirma.

Desta forma, os rituais ligados à boneca como também é conhecida, acontecem nas sedes dos maracatus dias antes dos festejos de momo. Sacrifícios e festas são oferecidos em homenagem às entidades espirituais que a Calunga representa com o objetivo de obter proteção para os participantes, defendendo-os de “demandas” ou possíveis feitiços lançados por outros grupos de maracatus rivais. A sua significação social no grupo é notável, desse modo, em torno das bonecas é que são desenvolvidas as atividades do grupo.



Fig. 2. As Calungas Inês e Elizabeth, após ritual no terreiro da Rainha Elda Viana (Acervo pessoal da autora)

O grupo social desta manifestação cultural que reverencia o sagrado, promovendo o profano acompanha a pós-modernidade com suas inovações. Santaella acredita que os: “sistemas culturais sobrevivem porque seus membros estão adaptados à tradição que é reproduzida através da tradução de suas ações. Por outro lado, contudo, sem a mudança, a

---

<sup>10</sup> Informações obtidas durante conversa informal entre a pesquisadora e dona Elda Viana em abril de 2007.

cultura estagnaria”. (Santaella, 2003, p. 45). E de fato, os membros mais jovens deste grupo social estão inseridos numa sociedade globalizada, fazendo parte do processo histórico atual e de suas mudanças. É quando os valores culturais de um dado local são mesclados e podem ser compartilhados por indivíduos de outros territórios antropológicos.

A não-territorialidade do ciberespaço pode nos evidenciar este fenômeno. Visto que, quando o corpo social do maracatu-nação se virtualiza<sup>29</sup> através da inserção do seu conjunto simbólico no ambiente virtual, ele passa a ocupar um espaço desmaterializado, ou seja, é quando “O computador como uma máquina física e veículo é de fato, a forma sensível, o objeto imaterial que dá corpo ao meio semiótico e, assim, ao signo em toda a sua complexidade”. (SANTAELLA, 1996, p.238). Os símbolos do maracatu-nação são absorvidos em sua transitoriedade, podendo assimilar os recursos de linguagem do ambiente virtual podendo tomar formas diversas e existindo em vários territórios ao mesmo tempo. Compreendendo-se que a semiose é a ação do signo em produzir outros signos, segundo Pierce, o conjunto simbólico e religioso do maracatu-nação em contato com o ambiente virtual, produz uma possível cadeia de ressignificações do sentido de seus signos. Ora, “a semiose do computador é a única que nela mesma, independentemente dos processos de interação e interpretação dos usuários, pode atingir o nível mais complexo de todos os signos, o do símbolo”. (SANTAELLA, 1996,231) A Calunga constituindo o segredo do Maracatu, torna-se agora, a “revelação” de um universo particular (terreiros de candomblé e sedes de maracatus) num outro espaço antropológico que concebemos como ciberespaço ou mundo virtual. Considerando que o mesmo seja “um fenômeno remarcavelmente complexo que não pode ser categorizado a partir do ponto de vista de qualquer mídia prévia.” (SANTAELLA, 2003, p.72).

O ambiente do ciberespaço pode promover à boneca sagrada do maracatu um novo corpo simbólico e mágico. É quando a virtualidade reúne a qualidade do transcendente da calunga. Existe a ideia de atemporalidade. O tempo se torna indefinido e incalculável. Os elementos identitários da boneca de cera e a sua expressividade religiosa se tornam virtuais diante das tecnologias midiáticas, tornando o passado cada vez mais presente e real, mas certo que concordando com Lévy, “O virtual não ‘substitui’ o ‘real’, ele multiplica as oportunidades para atualizá-lo”. (LÉVY, 1994, p.88) . A Calunga como elemento simbólico de referência histórica e religiosa, ao ser exposta aos novos modelos comunicacionais e em outras esferas antropológicas e digitais/virtualizadas cria mecanismos para adaptar-se à revolução das comunicações. A “transfiguração” da boneca do maracatu no ambiente virtual pode criar um novo sentido considerando que a “cada nova maneira de conferir

sentido, cria outras subjetividades, outras qualidades de ser”. (LÉVY, 1994, p.147) e ainda “(...) o virtual existe sem estar presente” (Lévy, 1999, p.48). Do relato oral a boneca centenária passa a ser “divulgada” pela mídia globalizada. É quando “o devir da oralidade parecia ser imóvel, o da informática deixa crer que vai muito depressa, ainda que não queira saber de onde vem e para onde vai. Ele é a velocidade.” (LÉVY, 1993, p.115). Ou seja, a calunga ao participar do espaço antropológico da internet, leva consigo uma tradição centenária que representa os antepassados e a representatividade de uma cultura oral e particular do povo negro. Contudo, torná-la “pública” pode favorecer um risco à identidade cultural dos maracatus-nação, observando que a apropriação dos elementos culturais já acontece no ambiente sociocultural destes grupos.

### **Considerações Finais**

Ao contrário de outros temas pesquisados, o maracatu-nação é algo singular e único por possuir mistério na dinâmica de seu processo criativo, por não se tratar só de um fenômeno profano. A globalização cultural que move tradições culturais locais ao redor do mundo possui entre muitas ferramentas de divulgação a internet. As culturas consideradas locais são encontradas em diversas partes do mundo. Apesar de concordar com Canclini que a globalização foi iniciada há séculos com a mercantilização no século XIV, existem fatores qualitativos e quantitativos que diferenciam o “nomadismo” cultural vivido atualmente por nós. Os bens culturais presentes na dinâmica dos maracatus-nação são considerados locais e são frutos de uma trajetória histórica que acumulam o sentimento de pertencimento ao local de onde advieram (África). No entanto, com a utilização dos recursos tecnológicos da internet nos perguntamos para aonde estes bens estão se dirigindo e para quê. Na atual conjuntura, percebemos que as culturas se internacionalizam mesmo na tentativa de preservar sua identidade original. Ser local é ser original. E os maracatus-nação a meu ver obedecem a esta convenção não formal, porém seguida por muitos grupos culturais.

A “mercantilização” da cultura popular vem se utilizando sim; dos meios de informação e divulgação representados aqui pela mídia e seus recursos para a promoção e divulgação de suas atividades e produtos advindos das práticas culturais. A auto sustentabilidade das culturas populares pode vir a ser promovida pela utilização destes meios de Comunicação Social. Com a internet e a popularização da mesma se tornou fácil para muito destes agentes culturais divulgarem seu “saber cultural”. O território dos maracatus-nação passa a não mais ser definido pelas fronteiras geográficas e saem das periferias para o mundo. A contemporaneidade representa para as tradições populares e consideradas de “raiz” uma adaptação à estrutura vigente causada pela revolução

tecnológica. O maracatu-nação como corpo social vivenciou mudanças estruturais na sociedade brasileira e agora acompanha as inovações sociais representadas aqui pela ausência de territórios não definidos, ou seja, é quando “a desterritorialização lança a ideia de sociedade global no cerne da pós-modernidade”. (IANNI, 1992, p.104) e ainda “(..) há coisas, pessoas e ideias desterritorializando-se a todo o tempo” (Idem, 1992,p.100). O sentido de se desterritorializar segundo o autor de “A sociedade global”, Octavio Ianni, se torna um processo cada vez mais constante e generalizado, podendo suscitar nos sujeitos sociais (individuais ou coletivos) a possibilidade de descobertas de espaço e tempos até então desconhecidos.

Decerto que muitos pesquisadores como Canclini, acreditam que para ganhar o mundo e ser global, é preciso ser cada vez mais local. E os maracatus seguem esta tendência na medida em que “exportam” seus “modos de fazer” arte e cultura. A diversidade cultural e a dinamização que se apresentam aos nossos olhos podem nos proporcionar novas possibilidades de presenciar produções artísticas advindas de comunidades populares de periferias advindas de diversas partes do globo. É um fenômeno inacabado e que não possui território e nem tempo. “(...) o mundo se torna grande e pequeno, homogêneo e plural, articulado e multiplicado” (1992, p.91), Ianni nos sinaliza.

Desta forma, os integrantes dos maracatus-nação ao se utilizarem de recursos digitais da internet em seu processo de criação sociocultural se tornam produtores de textos informativos, editam suas próprias fotos e formalizam contatos externos com outros grupos por e-mails, mensagens instantâneas e comunidades virtuais. O instantâneo das relações virtuais dinamiza informações, facilitando as trocas econômicas e culturais além de estreitarem as relações entre o bem cultural e os consumidores culturais. O isolamento não é a melhor forma de defender ou valorizar a cultura local, existindo possibilidades de manter o diálogo benéfico, seja se utilizando de novas ferramentas comunicacionais ou/e articulando e promovendo políticas públicas culturais que resultem no bem-estar social, através de ações culturais coerentes com a realidade de cada povo ou comunidade local. O maracatu-nação é real e tangível, este precisa se perpetuar em seu espaço antropológico e social de origem, mesmo se utilizando de recursos virtuais da internet.



## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Gabriel Omar. **Tradições negras, políticas brancas: previdência social e populações afro-brasileiras.** - Brasília: Ministério da Previdência Social-MPS, 2006.224p.: il- (Coleção Previdência Social. Série especial; v.2).

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

\_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas - Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade,** São Paulo, Edusp, 3º edição 2000.

COELHO, Teixeira - **Dicionário Crítico de política cultural,** São Paulo: Editora Iluminuras, 2004.

IANNI, Octavio. **A sociedade global** - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** Rio de Janeiro: Ed. 34,1993. 208 p. (Coleção TRANS)

\_\_\_\_\_. **O Que é o Virtual?** . São Paulo: Ed.34,1996.

\_\_\_\_\_. **A Inteligência coletiva por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo, Edições Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34,1999. (Coleção TRANS)

REAL, Katarina. **Eudes: o rei do maracatu.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2001.144p. il. (Documentos, 55).

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias.** São Paulo: Experimento, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.